El Sur del Corazón. / O Sul do Coração. [2012-2019]
Prólogo, revisão da traducção: Abdul Hadi Sadoun. [85 pp. | selecção, nesta Antologia, de textos apenas em portugués]

Patrimónios

1.

é meu, o pé.
é minha, a mão.

a pegada na terra batida
à roda da construção:
é dos meus pés.

a força —
a dobrar a pedra
a suster a trave
a cravar o prego —
é das minhas mãos.

a marca. a garra. a arte.

ensinada pelos avós dos avós.
aprendida pelos netos dos netos.

é minha
são minhas
são nossas.
e a terna letra.
e o mago canto.
irmãos. nascidos
do branco
coração luzente do mundo.

[Coimbra, 16 de Janeiro de 2025]

2.

por mim se faz a terra húmida e negra de prenhez.

por mim, por meus chãos cansaços e pés,
por meus passeios largos, demorados,
por meus rápidos e angustiantes passos se a hora aperta o funil de tempo e acção.
por mim se gera a brisa amena, e as trovoadas germinam de dentro do meu franco peito.
estalam açoites e pancadas demoradas
estalam açoites e pancadas curtas e secas
breves, vagas, incertas, estremecendo até o raio desenhar a luz entre terra e céus.
por mim, o trovão. / por mim o relâmpago.
e a mansidão do outono temperado.
por mim emerge a borrasca e cospe os excessos de pus, choro ou leites outros.
por mim as águas flutuam, nadam, vagueiam, alagam as marés de medo
e escoam-se entre os rios ainda brilhantes
e escorrem entre escarpas ou lezírias douradas.

por mim a calma da lezíria e da planície.

por mim esse amplo horizonte se faz.
e eu faço o horizonte amplo. e sou eu
o horizonte enorme, inalcançável
firme, abrindo-se sempre a mais uma mão
ou a uma palavra / uma recusa / um silêncio
ou a esse bravo canto /
embalo de colos e coitos / voluptuosos.
por mim se ergue a volúpia.
e o ar ansiado. / e o ar saciado.
e a pele pura, gemida, cavalgada e amansada pela bravura que somos.
por mim a bravura e a calma e o desejo
por mim a bravura e a calma e o ensejo
a saudade. a chegada e a partida.
e também algum abandono. e saudade,
pois a funda raiz, térrea, pede rigor e inteireza. e funda a verdade.

por mim se faz a plenitude de astros e campos
a maresia de costas, neves e vulcões, sexos firmes.
por mim se faz a vontade e o consolo.
a pedra o ramo e a asa tenra.
por mim se faz o que é criado e incitado.
por mim, mulher com o Sul por norte
contemplativa e guerreira,
arfante e suave
por mim.
o grão / o pus / o sémen / e o sangue.
por mim a névoa e a bátega de fogo ardente
quando o estio é senhor e governa o amor.
por mim as estações ordenadas e o caos.
o poder. e o perder que é sempre uma forma de poder
mais inconsciente ou distraída
pois, na natureza, como na minha alma, nada se perde
e a minha alma cada vez busca mais além
a minha alma milita na plenitude. a alma que em mim brota. e tudo o mais.
porque tudo o mais e nada pode existir sem ser por mim
através de mim
e do que cativo anseio e confiro
alegre serva do devir
estonteante fêmea da contenção guardadora
da fusão brutal e carinhosa com a carne do universo
que em ti e em mim palpita e nos atiça e governa:
por mim, tudo, imensurável e incabível tempo, meu amor,
este amor meu que também por mim se cresce e espraia
ou não fosse a vida o milagre
de desejar, fazer, fruir e acarinhar
como a árvore à asa, / como a asa ao ninho
como as minha e tuas vontades se erguem, vorazes
à distância / e para a nostálgica distância
onde tudo perdura alucinado sempre que, puro, se faz.
[Coimbra, Montes Claros, 21 de dezembro de 2018]

4. *Trazemos, desde o tempo das cavernas...*

trazemos das cavernas o insipiente estigma
e o estereótipo canónico da insensatez.

os voos de Coutinho e de Cabral
em vão procuraram alcançar
mais além do atávico legado dos dias.

os nossos olhos ainda se encandeiam com o sol.

os nossos lábios ainda gemem leites de beijar.

os nossos braços ainda aconchegam o desejo e o consolo de tactear mapas no corpo.

trazemos o vozeirão e o tambor / o fascínio, o clamor e o arrojo.
passadas fervorosas peregrinas / largadas pelos montes ou esquinas
em horizontes feitos para desbravar rotas
ciciando o temor a estranhos desconhecidos
rezando ao alto ser regente dos magnos mistérios.
trazemos o torpor e a memória
da nossa vida a escoar-se entre os dedos
sempre que as mãos hibernam obedientes
ao nefasto entranhar da governança.

os nossos lábios ainda aconchegam o desejo da polpa carmim emergente pelas madrugadas
de tuas vindas e minhas idas a devir encontros que honramos desde o tempo das cavernas.

[Figueira da Foz, Casa do Zeca e da Claridade, 15 de abril de 2021 | anteriormente editado in SAL.CAL.SUL. Poética edições, 2025, p. 18]

6. a pedra sob a azinheira

agora, escuto a pedra sob a azinheira.

Perscruto-lhe, oiço-lhe pulsação timbre
entranhados nos torrões barrentos

de onde brota a seiva até às ramas.
o timbre e o pulsar são pacientes
como prudente é a espera dos materiais
sempre afinada pela raiz de vida.
escuto e, para ouvir-lhe pulso e ritmo,
suspendo a minha própria respiração:
surpreendem sempre os dentros dos materiais.
a pedra que agora escuto, sob a azinheira,
é vizinha da árvore milenar, pujante
permanece ligada a ombros braços troncos
pernas e abraços todos de pedra
sobrevivendo às maldades da superfície.
esta pedra é singular sem o ser
integra a trave mestra da terra
enlaça-se ao caudal de fogo e cor
ao barrote que liga os continentes
e a ilha de Páscoa a esta
outra ilha que é o Alentejo.
a pedra que agora perscruto exposta ao ar
apesar de anónima e ignorada pelo virtual
é fantástica em sua pose majestática
esta pedra / na ilha que é o Alentejo
cumpre o mesmo símbolo solene
das cabeças / que só há bem pouco pouco
encontraram o seu caminho o seu corpo e a sua voz.

[Arronches, 12 Fevereiro / 2012. Hotel Rural S.to António | Publicado inicialmente IN "Andamento 3 — e tudo o mais que é o Alentejo a ser". *Canto I – Da Terra*. *Poemas do Sul em Cinco Cantos*. Coimbra: ed. Autora/SulMoura Edições, 2014]

7. *cegonhas depenicam a lagoa...*

cegonhas depenicam a lagoa.

a lagoa espelha o olival.

o olival acolhe o horizonte

o amor braçal, esforçado gesto.

o horizonte estende a confiança
abertura no medo e no aqui.

sabe-se do barco a navegar lá longe
pelas ondas que vai rasgando ao céu.
o horizonte confirma a esperança.
a esperança ressoa no bater de asas.
asas aplanam rugosidades
um ou outro penedo, a cobiça.
nas rugas rezam alegrias e dores.
a alegria serena-se aprofunda-se
até ser bonomia e calma simples.
ah! às vezes o vento traz latidos
birras de galo, perus assustados
pachorrentos badalos e bocejos
— timbres baixo deste coro de paz.

e tudo o mais que é o Alentejo a ser.

[Arronches, 12 Fevereiro / 2012. Hotel Rural S.to António | Publicado inicialmente IN "Andamento 3 — e tudo o mais que é o Alentejo a ser". *Canto I – Da Terra*. *Poemas do Sul em Cinco Cantos*. Coimbra: ed. Autora/SulMoura Edições, 2014| https://youtu.be/RbwThRsg8eU]

8. falar-te, longamente, das brancas coisas do Sul

"Contar-te longamente as perigosas / coisas do mar. (...)"
Poema 'Coisa Amar' IN Manuel Alegre. 1976.
Coisa Amar (coisas do mar). Perspectivas & Realidades.

falar-te longa, longamente
das brancas coisas do Sul.
começar pelos marcos a dar nome
às vilas, aos largos, a ruas.
ou começar pela fachada lisa
caiada a preceito, bordejada
de amarelos e mesmo de azuis
partilhando-se com o preto de ferros

puxadores, varandas e janelas.
abrir a meia-porta e confirmar
a cal perseverando lá dentro.
Deixar-te, então, passar à frente
amiudando os cobres e os estanhos
brunidos, areados, luzidios.
manter a distância prudente
para teu espanto
ter espaço onde esbracejar
e arregalar / o corpo.
seguir-te, guiando-te embora
pela entoação de quem é da terra.
Seguir-te ao longo do corredor
de piso empedrado irregular.
depois das lajes grossas da loja
mais modernas, recuperadas
sentir-te a pisar seixos roliços
ladeados por bancos tradicionais
pretos, de madeira, com 'preguetas'
douradas como os tachos areados.

e falar-te, longamente, da arte de arear.

o pátio encandeia-nos e é só de Março
a claridade diurna que a cal espelha.
longamente, falar-te do que é a cal.
longamente, ensinar-te a amar a cal.
a escada, o gradeamento forjado
e o corrimão negro redondo
levam-nos ao terraço a ver espanhas
pois os quintais de quem não conheças
contar-te-ão hábitos estrangeiros.
manter a prudente distância / para teres espaço para o espanto
e, intensamente, inspirares o longe

ou seja, o perto mais perto
do perto que é logo logo ali.
falar-te das coisas íntimas do ali.
Bebermo-nos, intimamente: ali.
e falar-te — longamente, loucamente —
sobre a exposição ao pleno beijo
como a exposição ao beijo / nos leva, por instantes, à luz.
reabertas as pálpebras / reposta a pulsação
já conseguirás apreciar o presépio
de casinhas e ruas limpas e claras
envoltas pelo olival, agora musgo
da tua infância nas noites do Natal.
falar-te, longamente, de Natal.
ser-te, longamente, o musgo e a estrela
o incenso, o ouro e a mirra / deste encontro.
falar-te, longamente, do que é o encontro
das brancas seivas de sermos Sul.
Debicar-te a longa asa, acinzentada
até que, distendida, alcance o céu.
dar-te a minha asa peregrina,
ser-te a asa, sermos o bando friorento
das aves! das aves da Natália.
alçarmo-nos em voos circulares
no papagaio esvoaçante de andorinhas
pois quem ama sempre pertence ao voar.
Falar-te, longamente, do voar branco
e que o partir pode querer dizer voltar.
Falar-te longa e longamente de voar
de habitar o branco voo do instante
até que as palavras — as asas — seduzidas
se calem e apenas falem caladas
enleadas, longamente, entre nós,
longamente enleadas no amor,
longamente, pelo amor ao branco Sul.

[Arronches, 12 Fevereiro / 2012. Hotel Rural S.to António | Publicado inicialmente IN "Andamento 3 — e tudo o mais que é o Alentejo a ser". *Canto I – Da Terra. Poemas do Sul em Cinco Cantos*. Coimbra: ed. Autora/SulMoura Edições, 2014 | https://youtu.be/siQYjCezrj0]

11. de colo e melancia

gemem as metáforas, por dentro dos gomos da tangerina.
gemem as metáforas como sumo vermelho e doce
da casca verde com sementes ou grainhas pretas.
o sumo a escorrer dos pulsos aos cotovelos
coisa só possível nas férias grandes de 4 meses
nesse tempo em que aprender era suave
e a escola se fazia a rir e a cantar.

gemem metáforas que é outra palavra para dizer saudades.

o cheiro da hortelã confunde-se com o pimentão
a barrar presinhas de carne de porco
destinadas a durar um outono e um inverno,
pelo menos
naquela banha pouco saudável mas tão ansiada e lembrada
hoje,
entre torres de cimento e cozinha sem glúten, nem gorduras.
nem colo.
gemem os lábios e os sabores fortes e cheirosos
ao colo do pai.
homem espadaúdo, simples, de fala rápida e dura
às vezes
de humor cortante
outras vezes
de sensíveis carinho e ternura disfarçados
sempre.
o pai adorava todo o vivente
de todos os mares e asas
de todas as terras e raízes

pássaro peixe flor fruto árvore.
como consta no livro, inteirinho, *eu vou com as árvores*.
e ainda por aqui passa e aparece
sempre que me ponho a espojar o olhar planície adiante.
o pai. o colo. a terra. a ida ao musgo, já no Natal.
e o sumo a gemer até aos cotovelos nas férias de verão
néctar desses frutos bojudos a rebentar de surpresas
histórias, aventuras, mimos, traquinices e doçura.

hoje ainda há dessas frutas verdes
por fora e vermelhas por dentro
a gemer doçura e variados méis.
o que já não há é o colo do pai.
salvo neste poema, a gemer metáforas
—a outra palavra para dizer saudades.
[Matosinhos. Casa do mar. 2 Novembro / 2018]

12. o figo, metáfora da espera

olhar, apreciar, esperar um momento
para o sabor ser mais saboreado e merecido
tocar na pele nas rugas no veludo ainda
no sedoso arrepio a veludo antes do húmus
antes de romper de uma vez o pequeno ponto
a partir do qual as pétalas se desmembram
pequenas pétalas a descobrir a flor que contém
pois muitos desconhecem ainda ser flor e não fruto
essa macieza de tecidos variados do verde ao roxo
a abrir-se sempre a uma polpa de doce gemer
doce, a desfazer-se no toque dos dentes com a fibra
as fibras as sementes e os dulcíssimos licores do sul.
do preto ao rosado, verde ou amarelo,
este corpo destinado a amar-se à mão
entrega-se, quando o momento amadurece
abre-se à graça e ao torpor da entrega.

suave e forte, doce meloso leitoso
esta flor converte-se em fruto do prazer
esta flor distende-se e exclama-se metáfora
mediterrânea da espera mais ansiada de quem vive.
[Casa do mar, Matosinhos, 7 de Outubro / 2018]

A última lição da mãe

a Sul, abrindo o portão da planície
a mãe disse:
— "já não vos faço falta: podem ir
às vossas vidas, minhas queridas filhas
eu fico—me sentada, por aqui
no banquinho tripé a ver o sol
rodar na bainha amarelada do horizonte.
tomem os vossos cajados
aliviem os vossos sacos
escolham a textura ideal para a samarra
que vos tape sem tolher o andar
nem arquear os ombros com o peso da culpa
entremeando teia e trama no tear".

depois, rodou o peso velho sobre
os calcanhares meio de fora das alpergatas
suspirou fundo e ainda rodou
a chave na fechadura da porta do Leste,
e disse:
— "na fronteira, o pastor há-de aparecer
a indicar o trilho dos lobos brancos
por onde, respeitosas — se o escolherem —
devem caminhar sempre erectas e dignas
avistando vultos ao longe para, com calma,
decidirem qual rumo excluir qual eleger
e abdicarem de medos e temores
e aceitarem o bafo quente lupino

nas horas das grandes solidões
que sempre abençoam aqueles que caminham".

levando as mãos dolorosas à cintura
a mãe olhou o janelo tosco e soltou
o fecho redondo enferrujado da argolinha
de arame forrado com fio de sapateiro:
— "subindo pelo Norte céltico original
vão encontrar os vulcões secos e os molhados
vulcões de lavas vermelhas e amarelas
descendo até pedras pomes e torrões de terra,
vulcões de fumos brancos misteriosos
exalando-se pelos verdes lagos e águas;
podem, ali, fruir a chama que desce
e a que ascende
magistrais fogos que se completam ao arder
no mover natural das estações.
e descendo esta escada até à cave
todos os baús de vossos antepassados
se abrirão sem rangidos nem demoras
até ao Oeste do vosso enraizamento:
é claro que vos aguardam novas sabedorias
se, desde o enxoval à superfície,
se permitirem descobrir outras vestes
outros panos, mapas, símbolos, adereços.
Nesta casa de partida e criação
nascem estes quatro caminhos basilares
de todos os que escolherem arriscar
até encontrarem a boa, a justa madeira
com que farão o banco baixo para sentar-se
no centro da casa onde entregarem
a raiz do vosso caminho único — ou vida — a que só podem aceder pelo coração".
[Coimbra. Simone Coffee Shop, 22 de Junho / 2022]

Da Diáspora

1.

estou em diáspora.

todas as manhãs oriento o astrolábio do coração / endereçando cantos e intenções.

a via láctea responde em uníssono
com reflexos que flamejam no nevoeiro
ou afinam ainda mais os raios do sol.
o marulhar das ondas confirma a direcção
para onde os meus passos se encaminhem
enquanto o mar for este pousio de esperança
e força / humedecida e apaladada.
todas as tardes páro o gestuário da utilidade
e faço uma vénia em frente à espuma branca.

as cadelas saltam e galopam. / livres de qualquer dúvida passam as gaivotas.

chegámos mesmo a tempo a casa.

todas as noites ergo a taça da bendição / e brindo entre íntimos salmos e rezas herdados.

o meu reino é esse interstício da sombra a namorar a límpida luz / branca. líquida.

passam séculos nos anais da utilidade.
pela calma planície de oliveiras e conchas / estou em diáspora desde que abri os olhos no Sul
para me encantar com os socalcos marinheiros / e o rouco rugido do 'cante' do fundo do mar.

2.

como explicar o milagre de este mar ser / hoje / azul?

matéria da terra

substância da vida planetária
ingrediente a ligar os continentes no mapa real
componente do ciclo vital
magma da origem da vida
leito do que nada e, fundo, flutua

este ser deveria ser / de cor verde ou, no máximo, castanha.

contudo, faz-se azul / devém azul / ondula azul
nasce e morre nas areias / azul

assim nós: / tudo espelhamos e habitamos...

3.
há um conflito latente entre o Norte e o Sul.

procuram ambos ordenar a bússola
marcar os rumos
fixar os passos.

eu, que lavro o Sul, mesmo quando caminho a Norte,
só posso rir-me desse arrufo dos ventos
e prossigo a diáspora / intensa brava e interior.

4.
em todo o lado tenho um banco
um assento. uma cadeira. / um poiso
onde lavre a palavra
e com assento a entregue / ao Universo.

5.
trata de governar os ventos e as neves para que este oceano infindo sempre traga as ondas até meus pés.
trata de cuidar das paredes dos andaimes e tijolos da casa que deve erguer-se para ficar.

uma vez a construção feita, abre-lhe as janelas, digo: as asas
e
voa, de vez, até à beira-mar.

eu estarei por perto, confia.
nasci do ouro verde espremido à mão pelo ganhão / nas sopas de alhos e coentros
para aprender o pudor do sal.
eu estarei por perto, meu amor sem rota.
e, eternamente, com a ajuda das marés
voltaremos a unir-nos às grandes águas / para gáudio do criador do nosso amor.

6.
qual a luz verdadeira quando a hora se impõe no reverso dos sóis?

qual o certo elemento que indica e ilumina a passagem mais ágil?

qual o modo de domar ventos incertos e anunciar o subtil?

qual o olhar certeiro, a correcta visão, a leitura cabal?

todo o espelho onde observas o que pensas alheio
te move e envolve
no ritmo em que te deténs / no brilho que tens e dás / no profundo que te lances
no alcance em que te avances / e nos passos em que te fazes
criador da arte tua vida.

7.
aqui, onde estou em Diáspora
o tempo da Páscoa é contínuo:
há todo o tempo para escolhas / há todo o tempo para a renúncia
há todo o tempo para aceitar que é o amor o único farol
neste tempo em que nem o remunerado tempo existe.

aqui, onde estou em Diáspora,
o tempo da Páscoa é contínuo:
a esperança é o parapeito do horizonte
e a ressurreição devém a amorosa redenção
e a redenção devém a amorosa ressurreição.

8.

aqui, onde estou em Diáspora
vou chegando aos estrondosos dias longos
a espraiarem-se ao longo da linha do mar
por onde também nascem as noites ciosas
do ninho esplendente da escuridão.

9.

a minha planície verde é esta planície azul.
por vezes é revolta e branca.
tem dias de ser sombria e acinzentada no dorso.
de manhã é pródiga em revelar horizontes.
nos fins de dia é farta de espelhos de claridade e fogo.
e à noite ressoa impúdica
entregue aos desvarios do amor alumiado pela lua.

---

compromissos com os vulcões

e, como se não bastasse, tenho destes compromissos com os vulcões.

contidos.
intensamente aquietados durante a duração que se impuser
costumamos encaminhar-nos
cúmplices
com a cegueira vivaz do que nasce e brota de alguma caverna profunda ou desilusão.
encaminhando-nos e amparando-nos
na passada grave certeira lenta
só parecida ao andamento sábio de dromedários

ou ao demorado voo dos elefantes voadores
nas telas gigantescas de *ashes and snow*.
contidos, aquietados, cúmplices,
reconhecemo-nos logo na subtileza
de vapores e fumos que ensaiamos
quando a dúvida nos mexe as entranhas
(enquanto vigorar o tempo no dia-a-dia).
de longe emitimos essas legendas
irreconhecíveis
pelos animais moles sem carapaça ou de pequeno porte.
ambientados aos horizontes largos,
como talvez só os tais elefantes e dromedários,
os nossos vapores e fumos são também expandidos
desde a rugosidade ou carapaça de algum
até à intimidade ou cratera de outro.
acaba por ser leve, quase infantil
essa ancestral e tão íntima orientação.
os animais moles ou de porte pequeno passam ao lado
e absolutamente ilesos.
mas, no caso das entranhas revolvidas
— as dos ancestrais e contidos vulcões —
redobra o ofício da contenção
reforça-se a artesania da espera
mestria esmerada das criaturas
de grande porte de horizontes bravos
onde as rugas são talhadas pela lava em comoção.

já não recordo quantos encontros intensos me tem proporcionado a eternidade.

lembro, sim, e sobretudo, cada odor
dos fumos e vapores inspirados no início do ritual da aceitação.

tenho destes compromissos com os vulcões, amor.
e essa é a razão de continuares a sonhar comigo.

ao longo do sonho vais aprimorando a carcaça,
redobrando as rugas, louvando o silêncio
até ao momento em que me sentirás, ao largo
e cumplicemente virás entregar-me a cratera
que melodicamente tudo isto aguarda em ti.

[Islândia: Reykjavik, *Radisson Blue Hotel Saga* e *Blue Lagoon*, 15-17 Agosto / 2012]

"ali, onde uma terra se rasgou em duas..."

ali, onde uma terra se rasgou em duas,
onde o calor apartou a américa da Europa,
naquela ravina de lava fundida
sabemos, agora, o trilho da gestação.

as pedras pomes porosas, americanas
erguem-se hieráticas a resguardar os livros da biblioteca catalogada pelo glaciar.
porosas, as rochas amparam os vendavais e os tremores exuberantes da crosta funda.
no outro lado, à distância de dois abraços
borbulha, fresca, a água em cascata
modesta mas aprimorada pela lava.
é puríssima a água corrente islandesa
purificada pelo leito fixo da lava viva,
o leito ancorado na ravina onde o glaciar
prossegue o carente e húmido aninhar-se e espraiar-se ao longo do vale celta
onde mora a cama morna do aconchego.

como vês — meu amor inexistente pois eterno, íntimo e frondoso —
ali, o tempo foi, de vez, desmascarado.

ao longo do trilho da gestação da terra
apenas se sobrepõe, ao canto do glaciar,
uma batida interna e certíssima,
a cadência do pulsar do ventre eterno
repartida um pouquinho por todos nós

amorosos ouvintes da pulsação do grande universo
guardadores distraídos do grão de terra no peito alojado
que melodicamente tudo isto aguarda em ti. ali,
— onde ressoa o mágico latejar,
    onde uma terra se rasgou em duas,
    onde o calor apartou Américas da Europa,
    naquela ravina de lava fundida onde sabemos, agora, o trilho da gestação
    e, brioso, o silêncio se envaidece e fica.
    ali, onde uma terra se rasgou em duas
    para gemer e gerar o trilho da gestação

[Islândia: Reykjavik, *Radisson Blue Hotel Saga* e *Blue Lagoon*, 15-17 Agosto / 2012]

a peregrinação actual...

a peregrinação actual
floresce do sacro brilho pagão
dos visas, do labor escravo
e do tempo inútil da espera
da nova condição de *'precariado'*.

---

*catar meia-hora do horário alheio... **

a colega de trabalho é competente/
e stressada. /
trabalha à hora, como outros colegas/

quando caminha desloca-se como se fosse apagar o fogo da casa /
ou salvar os pais da forca. /
quando gesticula faz questão de parecer rápida /
e é rápida a corrigir os colegas/
que são, de facto,
menos competentes do que ela. /

a colega de trabalho faz o mesmo turno dos colegas/
só que, como é competente,
faz mais horas:
é mais requerida pelos chefes. /

a colega de trabalho tem outros colegas de trabalho muito competentes/
e com mais formação do que ela.

a colega de trabalho faz questão de os corrigir sempre que pode:
não perde uma faltita um errozito nem um deslize /
para acenar com o papão dos chefes /
para citar o manual de procedimentos. /

assim todos vão aprendendo com a colega de trabalho.
e aprendendo a amá-la.

a qual, por ser competente e stressada /
atenta ainda na escala de serviço dos colegas /
e dá sugestões aos chefes /
para os colegas que entraram mais cedo /
saírem mais cedo e, assim, poupar-se o pagamento de meia hora com este/
de meia hora com aquela /
de outra meia com aqueloutra/
… meias-horas muito úteis no cômputo /
do horário da colega de trabalho competente. /

por tudo isso/
todos vão aprendendo, a seu tempo, /
que a colega de trabalho /
afinal, é muito menos competente/
porque atropelar e rasteirar os colegas /
é a prova provada da sua pobreza moral /
e da sua incompetência humana, logo, profissional. /

pelo que, assim, vão aprendendo a odiá-la.

* Poema lido nas Comemorações dos 50 Anos do 25 de Abril pela Câmara Municipal do Seixal: Biblioteca Municipal, Sessão de 6 Abril 2024

DO PODER DE OBEDECER.

Série Poética denunciando o despotismo e subscrevendo a alta condição amante dos humanos

1.

aqui venho a aprender a vertigem de mandar. /

aqui venho a conhecer a ânsia arrasadora de ordenar /
— 'faça-me, traga-me, dê-me' — /
apenas para rechear /
um oco abandono de si mesmo. /

aqui venho a descobrir o vazio e a dor /
de quem precisa de dispor /
de um gesto um acto um passo um naco /
de tempo para dispor de alguém/
de tempo da sua vida para dispor do tempo de alguém /
do tempo da sua vida morta
para dispor do tempo de vida de alguém. /

nem todo o trabalho escraviza. /
mas todo o mando que a morte emana /
é a grande algema /
a porta férrea da infelicidade. /

2.

que importam, aos astros no céu,
horário e categoria profissional?

que interessam, às ondas do mar,
os solavancos da escala social?

que deve o sol às diuturnidades?

em que depende o voo da águia das condecorações?

que pode o brilho da lua sofrer com as invejas e corruptas competições?

sendo carne e nervo e sangue
esta carcaça humana vive do ar magno
— e, esse, nada etérico,
é o que governa e reina as eternidades.

3.

aqui me trouxeram meus actos livres/
à antecâmara da submissão.

é exigente a liberdade viva
sempre a expandir
os tópicos do contrato.

é terrível a liberdade livre
sempre a lembrar
a ausência de limites e obstáculos.

é absoluta a liberdade plena.

meus actos meus desejos e, sobretudo,
meu ser inteiro
— livres livres —
aqui me conduziram sem perdão:
ninguém pode acenar à liberdade
sem assumir a liberdade como libertação.

---

*lembra-te... ***

lembra-te...
de cada guinada das costas
depois do trabalho,
de cada esticão da coxa e dos músculos dos pés,
de tanta fadiga nos ombros depois de carregares aos ombros/
a maldição de Midas dos secos patrões/
esganados entre o parecer e o ter/
sem pingo de paz nem poesia/
para a sua própria salvação./
lembra-te dos versos que te nascem da exaustão e da dor /
lembra-te do Poema, dos mestres da Palavra e do ardor/
lembra-te do ardor benéfico da Palavra/
que a tudo queima/
a tudo lavra /
a tudo respiga até à mais funda raíz /
até a terra eleita emergir sob os passos desgastados/

do operário manual/
do camponês à jorna/
da mulher invisível apoucada por outras mulheres/
e de todos os viventes adiados sonegados e banidos/
lembra-te de cada dor e sentir exasperado/
destaca, diferencia, distingue, sofre e vive/
o rebordo da angústia/
o recorte da frustração/
o amargo da tristeza e da dureza do que te morre/
para poderes sempre regressar aos teus territórios amorosos e limpos /
e para conservares em ti o fio de prumo da justiça/
da beleza, do respeito/
e, sobretudo, da redenção.

**publicado antes In Poemas do Coração: de trevos e rosas imaculadas. *Revista Athena*. *n.º 21*. 29 de Setembro de 2022

PARÁBOLA do PARADIGMA DO SACRIFÍCIO***

"Pagarás cada batida do coração com o suor do teu rosto!" - percebes?
Quem te manda estar vivo?
Sim! Quem?
Já que tanto insistes, aguenta!

Ou acaso não sabes que quando o sol nasce numa parte do planeta
cresce a noite na outra metade?

ora, os nórdicos os nórdicos com noites claras - isso são excepções, percebes?
isso e as pedagogias inclusivas, e os direitos cívicos e ecológicos e tal...
isso é para alguns! se fosse para todos já todos tinham, não te parece?

que... o quê? que as coisas humanas são factíveis e mutáveis por humanos? ãh?
mas o que é que andas a ler?
ainda lês livros? ainda te interessas por teorias?
huum está mal, então!
vamos ter de flexibilizar um nadinha mais os horários e condições de trabalho
para deixares, de vez, de ter tempo e energia para essas evasões e idiotices do bem-estar , da

dignidade dos direitos humanos e afins

percebido?

(uf! a ver se faço a minha meditação que esta gentinha não se aguenta!!!)

*** Poema lido nas VI Jornadas de Poesía Valladolid, 17Março2023, 19hs hora PT|
acessível no canal Youtube da autora: https://youtu.be/KsGB0oT24Bs?si=CtWRclLnExDHDmjV

LEMBRETE

estamos todos a morrer.

só muito medo ou ignorância o podem fazer esquecer.

a máquina da facturação aplica-se

a vender o aqui e agora infernal.

DA RAIZ À SEMENTE 4.

da raiz à semente navega o caudal /
de todos os sentimentos partilhados, /
de todos os outros – tantos – adiados /
e, ainda, dos que virão a ser desejados. /
da raiz à semente jorra a nascente /
de gestos por fazer / acontecer /
de olhares contidos ou dos sentidos /
em tempos, outros olhares contidos /
em tantos outros imprevistos gestos /
e nos que ao longo dos tempos brotarão. /

os olhos ainda almejam horizontes abertos ao que não foi e pode ser. /

os olhos são sempre crianças inocentes /
peixinhos sem rede nem aquário /
aves sobrevoando Machu Picchu /
cavalos do Oriente ou do Sul /
da terra de navegadores e cantadores /
onde nasceu o voo do astrolábio, /
o rumo da caravela, e o arrepio /
de fados misturados com tambores /
de corpos apaixonados, além das dores. /

da raiz à semente escolho ambas /
quero tudo herdar e tudo receber: /
é da vida fazer-se e refazer-se. /
cumpre aos viventes coroarem-se de esperança. /
se matar qualquer outro é matar-me a mim /
toda a negação é suicidária. /

escolho, aceito. sem ir mais por aí. /
mas acolho de onde venho e ao que vim. /
só por ser tão tão tão rica e retorcida /
a raiz dos tempos em que nos cruzamos /
posso alçar voo, escolhendo o que ainda /
comigo levo / ciente de que alimento /
em cada memória dorida / o ensejo da dor /
em cada gente escrava / um destino de morte. /
a cada dorida ou flagelada memória /
faço uma séria e querida e devida vénia /
e deixo-lhe seu tempo e seu lugar. /
alçar voo, escolher o que levo comigo /
é prerrogativa de esperança e lucidez. /
da raiz à semente, por certo tudo /
para, depois, poder fruir, frutificar /
o que ainda zela pelo sol, /
o que alumia /
o que reverbera nas encostas do porvir: /
tudo aceitar do que foi abre-me a porta /
para reorientar o voo por fazer. /
é inteiro o poial, o cais e o mundo inteiro /
da partida, do passado, do que foi. /
e dessa inteireza, por fim, podem brotar /
díspares rumos, distintas caminhadas /
"a luta, agora, está de novo acesa" /
disse o Zeca. /
e é do todo inteiro de onde vimos /
que há que delimitar os novos voos e asas /
e, sobretudo, cumprir a esperança /
que, da raiz à semente, só a esperança /
só mesmo a esperança é o nosso cabal destino. /

[Figueira da Foz, 20.06.2025]